

Tolstói contra a idolatria shakespeariana

Tolstoy againt Shakespeare

Autor: Valteir Vaz
Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo,
São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 26
Publicação: Maio de 2024
Recebido em: 03/05/2024
Aceito em: 07/05/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.224728>

VAZ, Valteir.
Tolstói contra a idolatria shakespeariana
RUS, São Paulo, v. 15, n. 26, pp. 227-232, 2024.



Tolstói contra a idolatria shakespeariana

Valteir Vaz*

Resumo: Esta resenha apresenta em linhas gerais os principais argumentos do ensaio de Lev Tolstói *Shakespeare e o drama*.

Abstract: This review presents the main ideas of Leo Tolstoy's essay *On Shakespeare and on Drama*.

Palavras-chave: Lev Tolstói; William Shakespeare; Drama
Keywords: Leo Tolstoy; William Shakespeare; Drama



* Professor das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), professor da Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho (SP) e professor-colaborador do programa de pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Letras (Português/Inglês) pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2006). Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada (2012), Doutorado (2017) e Pós-doutorado (2021) pela Universidade de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/7858853184194380>; <https://orcid.org/0000-0002-9960-3332>; valteir.vaz@fatec.sp.gov.br

polêmico *Shakespeare e o drama*, de Lev Tolstói, publicado originalmente em 1906, ganha uma versão nacional recente pela Biblioteca Diamante, da Editora Nova Fronteira, com tradução e notas de Aurora Bernardini. A publicação reacende a discussão em torno do legado do dramaturgo inglês, aplaudido pelos palcos do mundo todo, mas nem um pouco atrativo ao severo escrutínio do autor de *Anna Kariênina*.

Se Harold Bloom reafirmou o lugar incontestado que Shakespeare ocupa no panteão do cânone literário ocidental, Tolstói, décadas antes, desejou fazer exatamente o oposto: ele apresenta de forma franca – com reparos que chegam a ser jocosos – a sua discordância da reverência universal à obra do dramaturgo. Afirma que por muito tempo não acreditou na sua própria impressão da obra do autor de *Hamlet*, por isso dedicou-se a sucessivas releituras em russo, em inglês e em alemão, tentando encontrar o que de tão especial o Ocidente via nela. Mas, não houve alteração alguma: “continuei sentindo invariavelmente a mesma coisa: aversão, tédio e incredulidade.”

Tolstói, consciente de que a opinião do mundo civilizado estava contra ele, se esforça para não dar a impressão de que a sua diatribe à “bardolatria”, na expressão de Bernard Shaw, não pareça consequência de um estado de espírito ocasional ou, talvez, de uma atitude leviana para com o assunto. Para tanto empreende uma análise a filigranas dos dramas shakespearianos, citando e explicando trechos nos quais se radicam suas principais divergências. Dentre todas as peças, inclusive entre algumas até mais famosas, o romancista russo escolhe Rei Lear como objeto de seu escrutínio pelo fato de ser justamente esse drama que a maioria dos críticos de maneira geral admira de forma entusiasmada (Goethe, Shelley, Victor Hugo, Turguêniev...).

O aspecto da peça que mais o escandaliza é o que ele denominou como “a ausência de sentido dos discursos das personagens.” Seguem-se, escreve ele, “longas conversas nesse estilo, o que suscita no leitor e no espectador o mesmo desconforto que se sente quando se ouvem piadas sem graça.” O que Tolstói realmente parece sentir falta em Shakespeare é moralismo, religião e “naturalidade”. “Esse sentimento verdadeiro, expresso em palavras simples, poderia suscitar compaixão, mas em meio ao delírio pomposo, incessante, de Lear, fica difícil notá-lo e ele perde seu significado.”

O aspecto da peça que mais o escandaliza é o que ele denominou como “a ausência de sentido dos discursos das personagens.” Seguem-se, escreve ele, “longas conversas nesse estilo, o que suscita no leitor e no espectador o mesmo desconforto que se sente quando se ouvem piadas sem graça.” O que Tolstói realmente parece sentir falta em Shakespeare é moralismo, religião e “naturalidade”. “Esse sentimento verdadeiro, expresso em palavras simples, poderia suscitar compaixão, mas em meio ao delírio pomposo, incessante, de Lear, fica difícil notá-lo e ele perde seu significado.”

Outro aspecto a ser observado no ensaio é que a grande maioria das citações que Tolstói apresenta como sendo retiradas de obras do dramaturgo, na verdade, parecem recuperadas de memória, ou seja, frequentemente não correspondem ao original e não resgatam o inegável e excelso teor poético do bardo inglês. Mais severo a esse aspecto é o parecer de George Orwell, que, mais de uma vez, se dedicou a comentar o polêmico ensaio do autor de *Guerra e Paz*: “Tolstói se contradiz várias vezes; o fato de estar lidando com uma língua estrangeira faz com que ele não compreenda muita coisa, e acho que há pouca dúvida de que seu ódio e ciúme de Shakespeare o fazem recorrer a certa falsificação, ou pelo menos à cegueira intencional.”¹

Mas Tolstói não esteve sozinho ao vociferar contra o culto a Shakespeare: na própria Rússia, por exemplo, Tchernichévski e Dobroliúbov, representantes da crítica socialista e, posteriormente, da crítica de orientação realista-socialista, reagiram com aprovação ao ensaio de Tolstói contra Shakespeare. Já no Ocidente, figuras de relevo expressaram juízos semelhantes aos do romancista russo, os casos mais notáveis são os do filósofo Ludwig Wittgenstein e do dramaturgo Bernard Shaw, este, em um pequeno texto também incluído em *Shakespeare e o drama*, escreve: “embora seus escritos nos entretenham enormemente, sua moral é sem originalidade... segundo a apreensão de Tolstói, ou Shakespeare permanece como pensador ou então ele cai.”

Harold Bloom, que em sua obra crítica considerou Tolstói² o maior prosador russo e colocou Shakespeare como o maior poeta inglês, tentou diminuir o embate ideológico suscitado pelo ensaio, quiçá encontrando nele certos traços de rivalidade senil e, principalmente, da intransigência que curiosamente (e felizmente) não se encontra na obra ficcional do grande Lev Tolstói.³

1 ORWELL, 2022, p. 266.

2 Bloom: “O mais notável ressentido de Shakespeare foi o Conde Liev Nicolaievich Tolstói, um dos não reconhecidos ancestrais da Escola do Ressentimento” (p. 62)

3 BLOOM, 2001, p. 62-63.

Como conclui a tradutora no prefácio, “o leitor verá que as justificativas que o Tolstói moralista, pedagogo e conservador da última fase dará para a sua diatribe contra Shakespeare implicam certo tipo de valores não mutáveis, natureza dominante, moralidade e transcendência, justamente o que foi negado por Shakespeare em sua grande obra, projetando-se para além de seu tempo.”

Mas o que Tolstói conseguiu com seu terrível ataque a Shakespeare? A esse respeito, deixemos que Orwell novamente nos diga: “Com seu ataque furioso, deveria ter demolido Shakespeare por completo, e ele evidentemente acredita que o fez. Desde o momento em que o ensaio de Tolstói foi escrito, ou, de qualquer forma, desde que começou a ser amplamente lido, a reputação de Shakespeare deveria ter murchado. Os amantes de Shakespeare deveriam ter percebido que seu ídolo havia sido desmascarado, que na verdade não tinha méritos, e deveriam ter cessado imediatamente de ter qualquer prazer com ele. Mas isso não aconteceu. [...] Longe de ter sido esquecido como resultado do ataque de Tolstói, é o próprio ataque que foi quase esquecido.”⁴

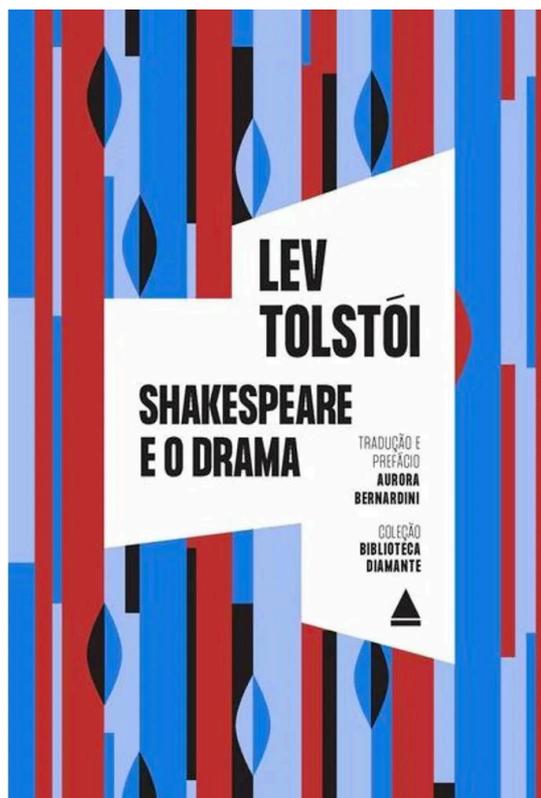


Fig. 1. Capa do livro “Shakespeare e o drama”, de Lev Tolstói. Tradução de Aurora Bernardini. Publicado pela Editora Nova Fronteira, 2021.

⁴ ORWELL, 2022, p. 267.

Referências bibliográficas

- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a Escola do Tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ORWELL, George. *Por que escrevo e outros ensaios sobre literatura*. Trad. Ricardo Harada. Campinas: Sétimo Selo, 2022.
- TOLSTÓI, Lev. *Shakespeare e o drama*. Trad. Aurora Bernardini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.